

CAPÍTULO UM

No Bote do *Lady Vain*

Não pretendo acrescentar nada ao que já se escreveu sobre a perda do *Lady Vain*. Como todos sabem, o navio colidiu com um destroço dez dias depois de ter partido de Callao. O escaler com sete membros da tripulação foi recolhido dezoito dias depois pela canhoneira H. M. *Myrtle*, e a história das suas privações tornou-se quase tão conhecida como o muito mais terrível caso da *Medusa*. No entanto, devo agora acrescentar à história pública do *Lady Vain* outro episódio igualmente horrível, e certamente muito mais estranho. Até agora julgava-se que os quatro homens que estavam num bote mais pequeno tinham morrido, mas isso não é verdade. Tenho a melhor prova possível desta afirmação — sou um desses quatro homens.

Mas, em primeiro lugar, devo referir que nunca houve quatro homens no bote; éramos três. Constans, que foi “visto pelo comandante a saltar para o barco” (*Daily News*, 17 de março de 1887), felizmente para nós, e infelizmente para ele, não nos alcançou. Desceu pelo emaranhado de cabos sob os estais do gurupés partido; quando saltou, prendeu o calcanhar num deles e ficou por instantes pendurado de cabeça para baixo, até cair e bater numa roldana ou numa verga que flutuava na água. Remámos na sua direção, mas ele nunca chegou a vir à superfície.

Digo que, felizmente para nós, ele não nos alcançou, e poderia também acrescentar que felizmente para ele próprio, pois a bordo havia apenas uma pequena barrica de água e alguns biscoitos ensopados — tendo sido o alarme tão súbito, e estando o navio tão pouco preparado para qualquer eventualidade. Pensávamos que os tripulantes na lancha deviam ter mais provisões (embora pareça não ter sido o caso), e tentámos chamá-los. Não nos podiam ter ouvido, e na manhã seguinte, quando a chuva miudinha se dissipou — o que só aconteceu depois do meio-dia —, já não os conseguíamos avistar. Não nos podíamos levantar para espreitar à nossa volta por causa do balanço do barco. O mar agitava-se em grandes vagas, e tínhamos bastante dificuldade em impedir o barco de se virar. Os outros dois homens que tinham até então escapado comigo eram um homem chamado Helmar, um passageiro como eu, e um marinhheiro cujo nome desconheço, um homem baixo e robusto que gaguejava.

Andámos durante oito dias à deriva, famintos e, depois de a nossa água se esgotar, atormentados por uma sede intolerável. Após o segundo dia, o mar caiu lentamente numa quietude de espelho. É quase impossível para o leitor comum imaginar aqueles oito dias. Ele não possui — felizmente para ele — nada na sua memória que lhe permita imaginá-lo. Depois do primeiro dia, pouco falávamos entre nós, limitávamo-nos a ficar deitados nos nossos lugares, contemplando o horizonte, ou víamos, com os olhos maiores e mais encovados de dia para dia, como a infelicidade e a fraqueza se apoderavam dos nossos companheiros. O Sol tornou-se impiedoso. A água esgotou-se no quarto dia, e começávamos a ter ideias estranhas e a dizê-las com os nossos olhos; mas foi só no sexto dia, creio, que Helmar exprimiu aquilo que todos tínhamos em mente. Lembro-me das nossas vozes tão secas e débeis que tínhamos de nos debruçar uns para os outros de modo a poupar as palavras. Opus-me a essa ideia com toda as minhas forças, preferia afundar o barco para que morrêssemos juntos entre os tubarões que nos seguiam; mas quando Helmar disse que, se a sua pro-

posta fosse aceite, teríamos o que beber, o marinheiro deixou-se convencer.

No entanto, eu não quis tirar à sorte, e durante a noite o marinheiro e Helmar não pararam de murmurar, e eu fiquei sentado à proa com a minha navalha na mão — embora não acredite que tivesse coragem para lutar. E de manhã concordei com a proposta de Helmar, e lançámos uma moeda ao ar para escolher o homem a mais.

A sorte coube ao marinheiro, mas ele era o mais forte dos três e não aceitou o resultado, atacando Helmar com as mãos. Lutaram os dois, quase levantados. Eu rastejei pelo barco até junto deles, com a intenção de ajudar Helmar, agarrando na perna do marinheiro, mas este tropeçou com o balanço do barco, e ambos caíram borda fora por sobre a amurada. Afundaram-se como pedras. Lembro-me de me rir deles, sem perceber por que motivo me ria. Esse riso apanhou-me desprevenido, como uma coisa vinda de fora.

Fiquei deitado sobre um dos bancos durante não sei quanto tempo, a pensar que, se tivesse coragem, beberia água do mar e enlouqueceria para morrer mais depressa. E, justamente enquanto estava ali deitado, vi no horizonte, sem mais interesse do que se estivesse a olhar para um quadro, uma vela que vinha na minha direção. Já devia estar confuso, mas lembro-me com bastante clareza de tudo o que aconteceu. Lembro-me de como a minha cabeça balançava com as ondas, e de como o horizonte com a vela acima dele dançava para cima e para baixo. Mas também me lembro com a mesma clareza de que tive a noção de estar morto, e de pensar que era irónico, por tão pouco, não chegarem a tempo de me encontrar com vida.

Durante aquilo que me pareceu uma eternidade, fiquei deitado com a cabeça apoiada no banco a ver o navio que dançava — era um navio pequeno, aparelhado da proa à popa como uma escuna — a emergir do mar. Avançava em ziguezague, num movimento cada vez mais amplo, pois navegava contra o vento. Nunca me passou pela cabeça tentar chamar a atenção, e não me lembro de nada com clareza a partir do momento em

que vi um dos lados da escuna até dar comigo numa pequena cabina na popa. Tenho uma memória muito vaga de ser içado até ao portaló e de um rosto grande e redondo, coberto de sardas e rodeado de cabelo ruivo, que olhava para mim de cima da amurada. Tive ainda a impressão fugidia de um rosto escuro com uns olhos invulgares que se aproximava de mim, mas pensei que se tratava de um pesadelo até o ver de novo. Julgo recordar-me de ser obrigado a engolir uma mistela por entre os dentes. E é tudo.

CAPÍTULO DOIS

O Homem Que não Ia para Lado Nenhum

A cabina em que me encontrei era pequena e bastante desarumada. Sentado ao meu lado, um homem ainda jovem, de cabelo louro, bigode hirsuto cor de palha e lábio inferior descaído, tomava-me o pulso. Por instantes, olhámos um para o outro sem falar. Ele tinha uns olhos inexpressivos de um cinzento aguado.

Depois ouviu-se, acima de nós, um ruído semelhante ao de várias pancadas numa grade de ferro, seguidas do rugido grave e zangado de um animal de grande porte. Ao mesmo tempo, o homem voltou a falar.

Repetiu a sua pergunta: “Como se sente agora?”

Acho que lhe respondi que me sentia bem. Não me conseguia lembrar de como chegara ali. Ele deve ter adivinhado a pergunta no meu rosto, pois eu ainda não conseguia usar a voz.

“Foi encontrado num barco — a morrer à fome. O nome no barco era *Lady Vain*, e havia umas marcas estranhas na amurada.” Nesse momento, vi de relance a minha própria mão, tão magra que parecia uma bolsa de pele suja cheia de ossos soltos, e lembrei-me de tudo o que se passara no barco.

“Beba um pouco disto”, disse ele, e deu-me uma dose de uma mistela escarlate e gelada.

Sabia a sangue, e fez-me sentir mais forte.